

A PAIDEIA ASSOCIAÇÃO CULTURAL

A **Paideia Associação Cultural** é uma instituição regida por uma companhia de teatro que se dedica aos jovens e às crianças: a Cia. Paideia de Teatro.

Após ocupar diferentes lugares da zona sul de São Paulo, desde 2005, passou a ter como sede um antigo pátio de coletores de lixo, em Santo Amaro. O espaço foi cedido pela Prefeitura de São Paulo à Paideia que com a ajuda de empresas, amigos, alunos e pais de alunos, transformou o galpão, que estava em estado de abandono.

Hoje sua sede é um importante pólo cultural da região de Santo Amaro, que recebe jovens e crianças com o ambicioso desafio de formar cidadãos. Para isso, mantém uma vasta programação cultural, além de um centro de estudos livre. Mais de cem jovens e noventa crianças fazem oficinas semanalmente na Paideia, além de professores, educadores e artistas. Em 2010, a Paideia recebeu o Prêmio São Paulo de Incentivo ao Teatro Infantil e Jovem, na Categoria Especial, por sua programação intensa e diversificada, e desde 2009 foi reconhecida como Ponto de Cultura; conquistou inúmeras indicações e por quatro vezes recebeu o Prêmio São Paulo de Incentivo ao Teatro Infantil e Jovem e também o APCA.

Fundada em 1998 por Amauri Falseti e Aglaia Pusch, a Paideia vem ganhando cada vez mais reconhecimento e já é considerada uma referência por importantes pensadores do teatro.

Anualmente, realizamos o Festival Internacional Paideia de Teatro para a Infância e Juventude, hoje em sua décima primeira edição.

Há sete anos, a Paideia mantém uma parceria com o Grips Theater de Berlim, grupo pioneiro no teatro mundial para crianças e jovens. A parceria resultou na montagem de três peças por cada grupo, tendo sido encenadas as peças: *Baltus, o Pequeno Herói* (Held Baltus), do dramaturgo alemão Lutz Hübner, encenada pelas duas Cias; *Ycatu, Água Boa*, da Cia. Paideia, escrita por Amauri Falseti e Durst (Sede) do Grips Theater, escrita por Thomas Ahrens e *Círculo de Giz*, de Armin Petras e Lara Kugelman, encenada pelas duas Cias. O processo de encenação e discussão de processos e obras, uma experiência única para os dois grupos, resultou em uma experiência singular de intercâmbio, em que contextos culturais e sociais, métodos, formas e conteúdos foram debatidos extensivamente.

Ao longo da história da Paideia, contamos com o apoio de instituições, consulados, artistas, empresas, amigos e nossos jovens.

Saiba mais: www.paideiabrasil.com.br

Agradecimentos

Escola do Altruísmo

Indústrias Anhembi

Alunos e Professoras dos 5ºA, 5ºB e 2ºB da EMEF Carlos de Andrade Rizzini

Professores do Curso de Teatro para Educadores

Grupo de Teatro da EPPO

A todos os Profissionais da Cia Paidéia

Jovens da Vivência Teatral

Voluntários da Paidéia

Administração Paideia:

Presidente da Paideia Associação Cultural: Luiz Corazza

Coordenação administrativa e financeira: Viviane Andrade

Assistente administrativo: Lucciano Franco

Assessoria de imprensa: Cris Brito Escritório de Comunicação



Cia Paideia de Teatro apresenta:



HISTÓRIAS QUE O VENTO TRAZ

Texto e direção: Amauri Falseti

Apoio:



ESCOLA DO
ALTRUISMO



PROGRAMA MUNICIPAL DE
FOMENTO
TEATRO



Realização:

“Este projeto foi contemplado pela 28ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.”



Ficha Técnica

Direção e texto: Amauri Falseti

Direção musical e músico: Marcos Iki

Cenário e figurino: Aglaia Pusch

Iluminação: Rogério Modesto

Elenco: Carolina Chmielewski, Rogério Modesto e Suzana Azevedo

Duração: 60 minutos

Indicação etária: livre

Estreia: 05 de maio de 2017

Arte da capa: Cíntia Donatelli

Diagramação: Carmen Rosa

Fotos: Camila Amarin

A alma, o olho e a mão

Neste novo trabalho que trazemos ao palco tivemos o privilégio de contar com dois grandes e maravilhosos estímulos para a nossa criação e inspiração: as crianças da EMEF Carlos de Andrade Rizzini, que nos dão alimento e sentido para nosso viver, em nossos encontros semanais e a luz de Walter Benjamin, nosso mestre, do qual, abaixo reproduzo este texto...

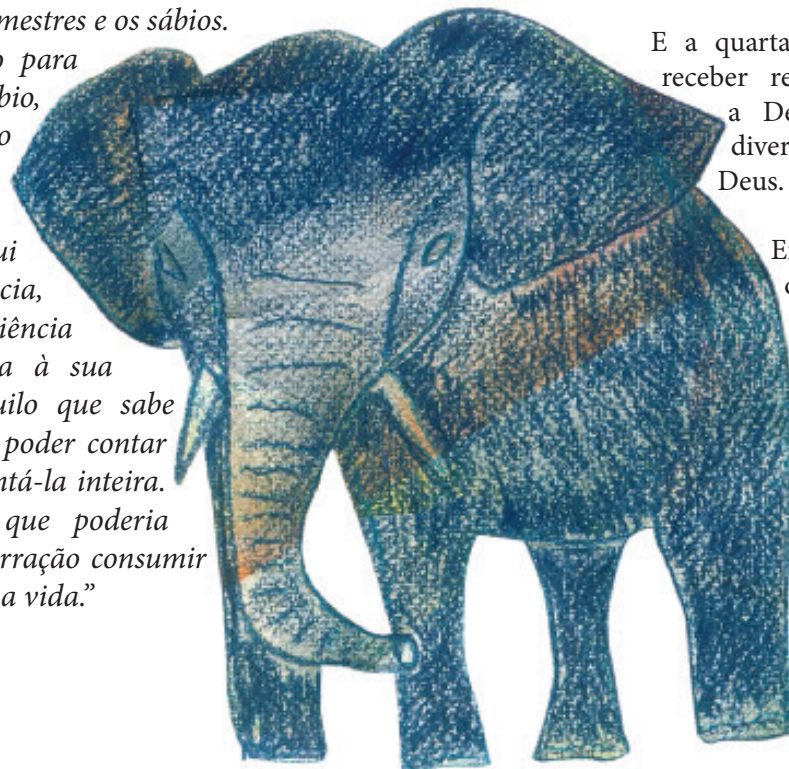
“... A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Esta prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.) A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão, é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada. Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?...

... O narrador figura entre os mestres e os sábios.

Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.”

Maio/2017

Amauri Falseti



Sinopse

“Como as minhocas que, dizem, tornam fértil a terra que atravessam às cegas, as histórias passam das bocas aos ouvidos e vêm dizendo, há muito tempo, o que não pode ser dito de nenhuma outra maneira. Algumas giram em torno e se desenrolam no seio de um mesmo povo. Outras, como se fossem feitas de alguma matéria sutil, atravessam as muralhas invisíveis que nos separam uns dos outros, ignorando o tempo e o espaço, e simplesmente se perpetuam.” J-C. Carrière.

Andarilhos chegam de terras distantes para contar e encenar histórias que ouviram em suas viagens. Uma história é etíope e nos conta sobre um velho, à beira da morte, que decide deixar como herança o seu casebre para os três filhos. Mas eles não querem repartir. Dessa forma, o velho terá que pensar em uma prova para deixar o casebre para o filho mais sábio.

Na segunda é apresentado um pobre homem que vive das poucas esmolas que recebe dos frequentadores da praça central de uma pequena cidade, até que um dia, ele tem a oportunidade de transformar sua vida devido o aparecimento de um magnífico monarca diante de sua presença. O que deverá ele fazer? Um jovem elefante se desentende com alguém de sua manada e sai em uma louca corrida em direção ao rio; em meio à desordem que provoca, um de seus olhos cai na água... O que vai acontecer é o conteúdo desta terceira história.

E a quarta história é sobre um homem que trabalhava arduamente sem receber recompensa e, refletindo sobre sua vida, decide ir perguntar a Deus o motivo de seu sofrimento. No caminho ele encontra diversos personagens que pedem para fazer outras perguntas a Deus. É um longo caminho a seguir. Será que ele vai conseguir?

Encenamos estas histórias por entender, como disse W. Benjamin, que: “o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: Sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”.

Por fim, por acreditar que estas histórias antigas estão repletas de sabedoria, ousamos encená-las.

